



CASO DE UMA ALUNA SURDA DURANTE AS AULAS DE REGÊNCIA EM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM BIOLOGIA II

Andressa Masetto¹

Angélica da Silva²

MarianeGavazzoni³

RESUMO

Atualmente, o conceito de inclusão é produto de um período em mudanças, tanto em aspectos políticos, culturais, quanto sociais e filosóficos. A educação neste contexto precisa buscar, de forma gradativa, privilegiar uma educação inclusiva, favorecendo o movimento com base no princípio legal da “educação de qualidade para todos” e trazendo novos rumos para a sociedade. No entanto, diversas vezes não sabemos lidar com pessoas com alguma deficiência, seria a falta de formação adequada, para tal situação? Este trabalho, através da experiência durante o estágio supervisionado em Biologia, busca compreender esta realidade encontrada no campo de atuação profissional no contexto escolar, bem como apresentar as estratégias usadas durante as aulas. A formação de professores não prepara para receber alunos surdos na sala de aula, por isso se tem profissionais despreparados e apavorados com a situação, e por vezes desmotivados a tentar pelo menos um contato, ou ainda aqueles que não estão sensibilizados para tal situação. Por isso é importante continuar refletindo, pesquisando para se encontrar meios e metodologias para atender essa demanda. Buscando, sempre compreender e entender o tempo de aprendizagem de cada aluno, instigando a busca pelo conhecimento e pelos direitos dos nossos alunos e nossas, só assim todos terão uma aprendizagem significativa.

Palavras chave: Inclusão. Regência. Surdez. Educação.

¹ Mestranda do PG Profissionalizante em Patrimônio Cultural - UFSM Campus Santa Maria; e-mail: masetto87@gmail.com

² Acadêmica do curso de Ciências Biológicas - UFFS Campus Realeza; e-mail: angel_ampere@hotmail.com

³ Orientadora. Doutoranda no PG de Biologia Comparada - Universidade Estadual de Maringá; e-mail: marianegavazzoni@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a educação inclusiva vem se tornando cada vez mais desafiadora para a rede de educação básica. Pois, a educação e/ou inclusão dos surdos precisa dar suporte a condições sociais favoráveis aos mesmos. O direito ao ensino não se configura apenas ao acesso a uma escola, mas sim pela sua participação e aprendizagem em sua trajetória. Skliar (2005), cita que, estar incluído significa sentir-se parte do mundo, estar compartilhando vivências e construindo conhecimentos. Inclusão não pode se restringir em apenas colocar um aluno surdo em uma sala de alunos ouvintes.

Vale lembrar que os surdos têm acesso garantido por lei a estarem em escolas regulares desde 1988 com a Constituição Brasileira, no entanto ainda temos várias lacunas a serem resolvidas para atingirmos todas as metas desejadas de que a inclusão se efetive verdadeiramente em todos os âmbitos. Pois a luta a tal ação, esbarra já de início na falta de comunicação entre o aprendiz surdo e o professor ouvinte (PALMA, 2012).

Segundo a diretriz nacional, para garantir uma educação para todos com qualidade deve ser propiciado um ambiente onde os alunos irão desenvolver suas habilidades cognitivas, linguística, emocional e social; onde será possibilitada uma comunicação direta sem limites. Sendo assim, como coloca Palma (2012), no caso dos surdos, a falta do uso da língua de sinais (LIBRAS), é outro exemplo de impedimento para a comunicação. Pois, na sociedade em que vivemos é difícil se ter a total sensibilização em aceitar uma comunicação sem oralidade. E é por esse motivo que o surdo é visto como uma pessoa com deficiência.

No entanto, a educação da pessoa surda deve ser feita pelas suas diferenças e não pensando em igualitariedade, pois considerando-o como ouvinte a escola nega a sua característica própria. Percebemos ainda, que as práticas pedagógicas apresentam várias limitações e nem todos os surdos alcançam o final da escolarização fundamental ou ensino médio, e os que chegam geralmente não são capazes de interpretar aquilo que escrevem, e nem tem domínio de leitura ou de outros conteúdos (SOUZA, 2011).

Neste contexto, Nery e Batista (2004) ressaltam a importância de um processo de aprendizagem cooperativo, ou seja, que respeita os diferentes estilos de aprender, reconhecendo os diferentes ritmos, interesses, desejos e concepções de mundo de cada aluno.

Entretanto, verifica-se através de estudos bibliográficos que a aprendizagem da criança/adolescente surdo não se tem resultados favoráveis, pois diversos fatores interferem nesse

resultado, como por exemplo a infraestrutura da escola, o preconceito com pessoa com alguma deficiência, a não integração com todo o pessoal da escola, e principalmente pela inaptidão dos professores tentarem alcançar o aluno surdo através de simples gestos, ou pela Libras, ou ainda pela sensibilização de tentar fazer algo (SOUZA, 2011). De acordo com o mesmo autor, é preciso modificar o papel do professor a frente da inclusão de fato, no caso alunos surdos, pois a construção de ensino e aprendizagem se dá de diferentes formas, assim, o aprender deve ser ressignificado a partir dessas diferenças.

Nessa perspectiva notamos em observações durante o estágio curricular de Biologia II, que alunos com alguma deficiência - em nosso caso uma aluna surda, estão implorando silenciosamente que os professores se comuniquem com eles, para que possamos prepará-los para uma vida em sociedade, cumprindo o papel da real inclusão.

A partir da temática de potencializar a inclusão da nossa aluna surda durante a regência do estágio curricular de Biologia II, surge a seguinte questão: Quais são as demandas da inclusão do aluno surdo na escola comum?

Diante disso, optamos por um estudo qualitativo, onde Lüdke e André (1986, p. 12) citam: “O significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes”. Podemos então, definir que o pesquisador irá retratar uma situação particular com mais complexidade. Assim, discutiremos a temática proposta bem como, identificamos como ocorreu a inclusão da aluna surda no Colégio em que foi realizado o estágio. Ressalta-se ainda, que a abordagem qualitativa “O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Com isso, a fim de refletir acerca da inclusão da aluna surda, escolhemos trabalhar com pesquisa bibliográfica, buscando uma análise mais detalhada do tema. A pesquisa bibliográfica é feita a partir de um material já elaborado, geralmente livros e artigos científicos e a principal vantagem é a gama de conhecimentos que vão sendo encontrados que ampliam o trabalho (GIL, 1999, p. 65). Portanto, nossa técnica de coleta de dados foi o levantamento bibliográfico do tema proposto.

Com base na problemática proposta, mesmo a escola sendo inclusiva, ou seja, recebe alunos com as mais diversas particularidades, enfrenta a cada dia grandes desafios no contexto estrutural e principalmente no que diz respeito ao ensino e aprendizagem (NETO, et al, 2007). Estas

dificuldades são resquícios de uma educação oralista e os surdos são considerados portadores de uma patologia, mas mesmo assim deveriam aprender a expressar-se oralmente (DOZIART, 2002). E infelizmente a grande parte dos professores ainda segue essa visão.

Deste modo, nosso interesse pelo tema se concretizou a partir das observações realizadas em sala de aula, onde percebemos essa postura dos docentes. Ainda mais que a aluna surda não possui intérprete em sala de aula, este é de fundamental importância para o desenvolvimento escolar e de forma efetiva do aluno surdo (MAGALHÃES, 2013).

E nesta tentativa de potencializar a inclusão de nossa aluna, partimos para atividades mais visuais, pois entendemos que a Libras e a educação de surdos são linguagens visual-espacial, e que os alunos aprendem mais associando as imagens com seus respectivos sinais.

1 Análise da problemática investigada no decorrer do estágio

Como já é de conhecimento, a inclusão dos alunos com alguma deficiência em salas de aula no ensino regular é frequente e cada vez mais desafiador, uma vez que não devemos restringir a inclusão em somente a presença do aluno surdo em sala de aula, devemos nos preocupar com sua aprendizagem, desenvolvimento enquanto sujeito (DAMASIO, 2005).

Durante a regência foram realizadas atividades pensando em como a aluna surda iria desenvolver. Percebemos que ao usarmos atividades pedagógicas centradas no sentido da visão gerou maior envolvimento e motivação da aluna surda, bem como a interação com os demais colegas. Pois, durante as aulas podemos observar o interesse e a facilidade de aprendizagem da aluna, realizando todas as atividades com interesse e vontade.

Sobre as atividades desenvolvidas com os alunos durante a regência, destacamos a dinâmica chamada a Teia, ao qual foi adaptada para a aluna surda poder participar, e foi um dos momentos mais lindos. É preciso visar à construção de ensino e aprendizagem, o progresso de todos os alunos, por meio da adaptação das nossas metodologias e métodos utilizados, pois cada um tem seu tempo e forma de aprender (OLIVEIRA, 2012).

Portanto, a escola, juntamente com o professor deve assumir que as dificuldades são de todos e não apenas do aluno com alguma deficiência, pois o ensino é resultado do modo como o ensino é construído, concebido, aprendido e avaliado. Entretanto devemos entender que ainda nenhum de nós está preparado para a inclusão, que nossa formação tem muitas falhas e que precisamos estar em constante formação (SOUZA, 2008).

Na parte teórica, buscamos trabalhar com slides com muitas imagens e seus respectivos sinais em libras, e para complementar o aprendizado da aula surda elaboramos uma apostila de figuras com sinais em Libras sobre o conteúdo trabalhado, alfabeto em libras para a aluna recortar e colar embaixo das imagens correspondentes. Posteriormente, entregamos uma imagem de um microscópio para cada aluno colar no caderno, explicamos as funções e pedimos para que anotassem as mesmas de cada parte. A aluna surda realizou a atividade com auxílio, e ficou nítido que o uso de imagens facilita o processo de aprendizagem.

Damázio (2007) destaca a importância da inclusão total do aluno com surdez e a utilização de recursos didáticos, como o uso de imagens, desenhos e teatro, para um melhor desenvolvimento da aprendizagem. Quando o educador utiliza imagens (desenhos, representações) e explica o assunto a partir dela, o aluno surdo consegue fazer uma relação da imagem com o contexto.

Entretanto, a educação para surdos requer mais que a utilização da língua (libras) e imagens, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem seu pensamento, e explore suas capacidades, em todos os sentidos. A proposta pedagógica deve potencializar as capacidades do aluno surdo, levando em conta seus conhecimentos, limitações biológicas e sua história (NERY; BATISTA, 2004).

Nesse sentido, notamos o papel do professor no ensino regular diante dessa temática, ao qual não estamos totalmente preparados. O interessante seria se todos nós acadêmicos em licenciatura tivéssemos uma formação e domínio da libras, pois seria o passo inicial para a real inclusão. No entanto, surge um novo problema, a própria aluna surda era analfabeta em libras, fazia cópias perfeitas, mas não interpretava aquilo que escrevia ou que estava vendo, e com isso a dificuldade aumentava ainda mais por não ter na região uma intérprete disponível para atender o caso.

A LDB nº 9394/96 em seu artigo 58,§ 2º prevê que todos os alunos em suas condições específicas e que não consegue a integração total nas salas de aulas do ensino regular tem direito a um cuidador, ou no caso do aluno surdo uma intérprete, ou seja um atendimento educacional especializado para cada caso. Também temos, no artigo 59, que os educandos com necessidades especiais tem direito de currículos, metodologias, técnicas, recursos adaptados para atender suas necessidades, além de professores com formação específica (LDB, Nº 9394/96).

Verificamos que o colégio estava atrás dos direitos da aluna, mas que grande maioria agia com indiferença ao caso, como se ali não existisse essa aluna. E ela por sua vez estava vivendo em um mundo que não era o dela, onde ela tinha que se adaptar a todos e ninguém a ela.

Nesse contexto, autores como Carvalho (2007), defendem que é na linguagem que o indivíduo irá desenvolver a cognição e consciência. E por isso, a pessoa surda sente dificuldade em construir novos conhecimentos em um espaço onde usam uma língua falada - como se fossem estrangeiros em seu próprio país. Pensando no espaço das escolas, não há como os alunos surdos terem uma troca de diálogos e interativas com alunos predominantemente ouvintes (PALMA, 2012).

Em outro momento, utilizamos a construção de mapas conceituais, a fim de que os alunos esquematizaram os conteúdos, pois notamos que eles tinham grande dificuldade de fazer com suas próprias palavras os esquemas e anotações. Com nosso auxílio assim como os demais alunos, a aluna surda desenvolveu o final do seu mapa sozinha.

Os mapas conceituais, são diagramas indicando relações entre conceitos, são uma forma de organizar e refletir considerações e conhecimentos construídos ao longo de uma disciplina, ou algum conteúdo (SOUZA; BORUCHOVITCH, 2010). É uma metodologia, bastante flexível, ao qual pode ser utilizada com diferentes finalidades e objetivos.

Os mapas conceituais, segundo Moreira e Rosa (1986), geralmente facilitam a aprendizagem significativa, e não a mecânica de apenas reprodução. Podemos notar na prática que o uso de mapas conceituais para alunos de inclusão também é válida e ajuda no desenvolvimento e construção do ensino e aprendizagem.

A quarta atividade que podemos destacar como sendo inclusiva foram as práticas em laboratório, pois o aluno se torna autônomo ao realizar por conta seu experimento e observar o resultado. Capeletto (1992) coloca que se tem fundamentação psicológica que argumenta a importância do laboratório de ciências para o desenvolvimento dos alunos para exercitar habilidades de concentração, cooperação, manipulação de equipamentos, dentre outros.

E não foi diferente, com simples gestos a aluna surda entendeu o que era para fazer, e realizou a prática de construção e visualização de lâminas sozinha. Notamos que, ao percorrer os dias, em cada aula nossa aluna se soltava mais e se sentia segura em realizar suas atividades, o olhar já era diferente, não era o de tristeza por não poder fazer as atividades.

Durante três aulas os alunos, em grupos, desenvolveram modelos didáticos sobre célula para apresentar no último dia de aula de regência na Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza. Apesar de alguns imprevistos que foram ocorrendo, podemos notar o quão foi relevante essa atividade. Pois todos os alunos tiveram o trabalho de elaborar cada parte das células, estudar sobre a função de ambas, e desenvolveram habilidades de apresentação e postura ao exporem seus

modelos. Referente à aluna surda, ao trabalhar em grupo foi aperfeiçoado o contato social com ela, bem como aptidão de criatividade, curiosidade, construindo o conhecimento dela através de algo que é visível e tátil. Lembrando que, com sinais explicamos a ela que era um modelo e não o tamanho real de nossas células. É válido ressaltar que, nessa visita até a Universidade para apresentação dos modelos, foi convidado um professor universitário surdo e sua intérprete para conhecer a aluna surda do estágio, bem como acompanhar os trabalhos, com o intuito da aluna surda ter exemplo de que ela pode ir muito além, chegar a uma universidade, ser a profissional que almeja, incentivando assim que ela busque por seus direitos, que cobre das pessoas ao seu redor que não fiquem de braços cruzados sem desenvolver suas melhores habilidades.

Podemos notar que, não estamos habilitados para trabalhar com alunos surdos nas escolas, a língua de sinais é pouco conhecida e ainda no nosso caso, a aluna em estudo também é analfabeta em LIBRAS, o que dificulta ainda mais a construção de uma aprendizagem significativa.

Em suma, assim como Strobel (2006, p. 247) cita, a proposta da inclusão é linda no papel, mas estamos a quilômetros luz de distância do que realmente deveria ser. Observamos por fim, que a formação de professores não nos prepara para recebermos alunos surdos na sala de aula, estamos despreparados e apavorados com a situação, e por vezes desmotivados a tentar pelo menos um contato, temos ainda aqueles que não estão sensibilizados para tal situação.

CONCLUSÃO

Diante disso tudo, podemos concluir que, por muito tempo a surdez foi apontada como causa do fracasso escolar, pois o surdo é privado da aprendizagem pela língua oral, composta por gramática e vocábulo, e por causa disso o processo de desenvolvimento educacional desse aluno é interrompido já de início pois não sabemos lidar com tal situação. Além disso, como é um mundo em que não estamos acostumados não sabemos como é mensurado aquilo que vamos ensinando os alunos surdos, pois eles muitas vezes não interpretam, não lêem.

Então, é preciso que o ato educativo, relativo aos alunos com surdez, seja redirecionado para novas possibilidades e metodologias para que os mesmos desenvolvam suas competências, e sua aprendizagem significativa, valorizando seu potencial. Pois, a inclusão não pode ser apenas um jogo político.

Destacamos também que, a escola deve ser um espaço de harmonia, de apoio, e por isso não devemos deixar haver preconceito com os educandos com alguma necessidade especial. Pois o primeiro passo é o acolhimento respeitando o tempo de cada um, mas não devemos pensar que somente a solidariedade irá ajudar nossos alunos surdos a desenvolverem sua capacidade de aprender.

Enfatiza-se por fim que mesmo com as nossas dificuldades em nossa formação, devemos sempre ter um olhar com sensibilidade para cada um de nossos alunos, se colocar no lugar do outro, respeitando seus limites, seus tempos de aprender, e impulsionando-os para cada vez mais construir conhecimento e acima de tudo não desistindo da educação, buscando melhorias, indo atrás dos direitos de nossos alunos e dos nossos para que realmente todos tenham uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CAPELETTO, A. **Biologia e educação ambiental: Roteiros de trabalho**. Editora Ática, 1992. p.224

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve História dos Surdos no Mundo, Surdo, Universo**; 2007

DAMASIO, MF. **Educação escolar de pessoas com surdez: Uma Proposta Inclusiva**. Campinas: Tese de Doutorado, 2005.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

DORZIAT, Ana. **Concepções de ensino de professores de surdos. Universidade Federal da Paraíba – UFPB**, 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&id=34%253Aconcepcoes-de-ensino-de-professores-de-surdos&Itemid=16>. Acesso em: 13 out. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Ed. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Fábio Gonçalves de Lima. O papel do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. nº VII. Jan-jun 2013. Pgs 73-86.

NETO, Lidiane de Lemos; ALCÂNTARA, Maria Madalena; BENITE, Cláudio R. de Machado; BENITE, Anna M. Canavarro. **O Ensino de Químico e a Aprendizagem de Alunos Surdos: Uma Interação Mediada Pela Visão.** Universidade Federal de Goiás. 2007. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p124.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2018.

NERY, Clarisse Alabarce; BATISTA, Cecília Guarnieri. **Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda:** um estudo de caso. Universidade Estadual de Campinas. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/05.pdf>> . Acesso em 15 out. 2018.

OLIVEIRA, Elizângela de Souza et al. **Inclusão social:** professores preparados ou não? 2012.

PALMA, Naiana de Oliveira. **Libras:** Instrumento de inclusão escolar do aluno surdo. 2012. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Naiana-de-Oliveira-Palma.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SKLIAR, Carlos (org) **A surdez um Olhar sobre as Diferenças.** 3.ed. Porto Alegre: mediação, 2005.

SOUZA, Cristiane Oliveira de. **As demandas da inclusão do aluno surdo na escola comum.** Disponível em: <<http://www3.ceunes.ufes.br/downloads/43/ppgedu-monografiaCristianeOliveira.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SOUZA, Daniela Cristina Barros de. **A inclusão na perspectiva de escolas públicas e privadas.** 2008.

SOUZA, Nadia Aparecida de; BORUCHOVITCH, Evely. **Mapas conceituais:** Estratégia de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300010>. Acesso em: 15 out. 2018.

STROBEL, Lilian K. **A visão Histórica da In(Ex)clusão dos Surdos Nas Escolas.** Artigo. Grupos de estudo e subjetividade. Junho. 2006. Educação temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 245-254.